

*SILVA, Anderson Pires da. Mário
e Oswald: uma história privada
do modernismo. Rio de Janeiro:
7 letras, 2009.*

Marcos Rogério Cordeiro | UFMG

O livro que aqui comento tem muito a contribuir para uma melhor compreensão do movimento modernista no Brasil. Trata-se de um trabalho que maneja livremente (embora com propósitos teóricos e metodológicos muito claros, conduzidos com segurança) assuntos diversos, como debates ideológicos extremados, investimentos financeiros em bens culturais artísticos, influências estéticas variadas, redes de sociabilidade mundana etc., com base em cartas, prefácios, crônicas e artigos que aparentemente contribuem pouco ou lateralmente com o problema em questão, só aparentemente. Já nos primeiros capítulos vemos que o resultado prometido aparece com nitidez. Não se trata de um estudo literário *stricto sensu* (isto é, análise das formas que a linguagem assume ou das poéticas correspondentes), mas de um trabalho que mistura um pouco de estudos social e literário puxado para o campo da cultura, agora entendida de modo amplo e dinâmico. Com esse propósito, a luz lançada sobre o tema assegura certos fundamentos com os quais podemos repensar a contribuição não tão óbvia a respeito das conquistas do modernismo, que elevou matéria quase rarefeita a um plano mais denso de auto-conhecimento, contribuição essa que permite vislumbrar com

alguma clareza a tensão complexa que estrutura e dá forma à vida vivida e pensada no Brasil. O modo como o fez – frise-se bem isto – pressupõe o arranjo de pares antitéticos, tais como moderno e arcaico, tradição e ruptura, local e universal etc. O debate sobre a envergadura histórica do modernismo depende muito do reconhecimento da importância e da função desse arranjo. Em outra linha de problematização, embora correlacionada com a anterior, o livro atenta para o fato de que a legitimidade do modernismo não foi fruto somente da eficiência ou da qualidade estética de um grupo (no caso, o paulista) em detrimento de outros, mas se constituiu como resultado de um processo específico, muito intrincado em cada uma de suas partes e no seu conjunto. A ênfase recai sobre as relações de força em disputa pela hegemonia cultural (essa seguindo passo a passo a econômica) que projeta o grupo paulista e canoniza – por assim dizer – sua concepção de arte e de país. Toda argumentação vai no sentido de escolher os temas certos e precisos a respeito do estágio histórico em que nossa literatura, nossa cultura e nossa sociedade se encontravam e reconhecer o que isso tem de esclarecedor.

Seguindo um certo modo de ver, arrisco dizer que o livro de Anderson Pires da Silva se encontra dividido em duas partes nitidamente diferentes, embora relacionadas.

A primeira parte (que vai do primeiro capítulo ao sexto), segue certas orientações teóricas e metodológicas inspiradas nos *Cultural Studies*, atentando para as relações pessoais e intelectuais do núcleo duro do modernismo paulista, especialmente Mário e Oswald de Andrade, tal como explicitado no título do livro. O desenvolvimento das reflexões está focado no papel que cada escritor desempenhou na formulação e propagação das inovadoras ideias do grupo: a imagem de um Oswald irreverente, crítico, criativo, sarcástico, insensato e às vezes até insensível é confirmada neste estudo, assim como a de um Mário estudioso, criterioso, meditativo, reservado, quase tímido. A novidade aqui é o uso sistemático de correspondências variadas que foram analisadas com método. A inspiração culturalista é inequívoca: a partir de cartas e comentários, próprios do mundo privado, a análise revela estratégias de sociabilidade que resultam em problemas de ordem estética. É importante destacar isso porque, afinal, a ideologia estética do modernismo – assim como sua estética ideológica – nunca sai do campo de visão de Anderson Pires. Seguindo tal plano, seu trabalho apresenta esse e outros problemas já conhecidos de um modo novo e convincente. Assim, de um início pautado na admiração mútua, no companheirismo baseado no estímulo de lado a lado, na colaboração contínua de criação e consolidação de diretrizes estéticas para

a arte brasileira e projetos culturais para o país, a relação entre Mário e Oswald vai se desgastando pouco a pouco até ser rompida inteiramente. O livro em questão nos mostra como isso se deu, como os membros do grupo começaram a se destrar, primeiro por meio de cartas trocadas na intimidade das relações amistosas, depois em artigos e colunas de jornais, prefácios de livros e conversas em rodas sociais, atingindo assim o domínio público. A causa – assunto que já rendeu todo tipo de especulação – é apresentada aqui com parcimônia, e também com certa excitação intelectual, mas sempre bem fundamentada com citações de passagens esclarecedoras desses mesmos textos (cartas, artigos etc.) e com testemunho de quem viu tudo ao vivo e a cores. O mais interessante, porém, ainda não é isso, mas a explicação que nos é oferecida: em meio às tertúlias que diziam respeito até à orientação sexual de Mário e à vida à toa de Oswald, existia uma disputa por projeção e liderança simbólica e efetiva do grupo modernista e seu legado: de um lado, o Oswald desbravador, que tinha as primeiras iluminações geniais, que criava chavões que ajudavam a legitimar a imagem vanguardista e nacional do grupo; de outro lado, o Mário bem articulado, com opiniões serenas e sempre a propósito, capaz de compreender melhor os pontos de impasses que a realidade brasileira apresenta à arte que a representa. Ou seja, os antigos companheiros passaram a disputar a grife modernista e tudo mais que a ela dizia respeito, uma disputa por maior autoridade (dentro e fora do grupo) para delimitar os contornos e a direção de temas que variavam muito, de padrão de linguagem literária (incorporação dos erros gramaticais ao código poético, por exemplo) a política cultural (significado dos conceitos de “antropofagia” e “poesia pau-brasil”, termos criados por Oswald, mas que obtiveram consistência por meio da intervenção de Mário). Ao lado desses temas, que me parecem ser os centrais, outros são desenvolvidos: o dilema sobre a filiação ao futurismo, o debate sobre as várias tendências modernistas pelo Brasil afora, a lógica de cooptação intelectual posta em prática por setores da oligarquia paulista etc., mas me falta espaço para desenvolver cada um deles.

A segunda parte do livro está distribuída nos capítulos sete, oito e nove. Aqui a metodologia de análise sofre um desvio – passamos para uma análise mais preocupada com a história literária e seu processo de formação – e o objeto também – porque agora se trata pouco da vida privada dos dois Andrades e mais da recepção da obra e da imagem de cada um deles. O interesse aqui também se deve ao encaminhamento, pois diante de um tema complexo, cuja abordagem no campo teórico é bastante controvertida e muitas vezes desconexa, o livro argumenta com coerência se beneficiando de estudos já existentes, com os quais dialoga e

discute. O ponto principal aqui me parece ser o de identificar uma lógica de compreensão que procura inserir o movimento modernista numa tradição crítica que privilegia a reflexão sobre a Nação e a renovação estética. Assim, o modernismo é visto numa linha evolutiva que se forma aos trancos e barrancos desde o período colonial e, de saltos em saltos, chega ao primeiro grande surto de industrialização (anos 50) e até os conflitos sociais que lhe correspondem (anos 60). A argumentação está bem organizada, os fios estão interligados de modo a nos deixar perceber o processo claramente. A economia da discussão encontra sua razão de ser exatamente no aspecto que a justifica: as principais ideias do modernismo, aquilo que o grupo de São Paulo identificou e desenvolveu como matéria de reflexão (os tais fundamentos antitéticos que dão forma à sociedade brasileira e à sua literatura), já existiam como problema no período do barroco e no do neoclassicismo, foram enfrentados pelo romantismo e por Machado de Assis (mas devo dizer que senti falta da chamada geração de 1870), e passaram pelo crivo de denúncia do pré-modernismo, para então – a partir do modernismo – adquirir uma consistência que passou a pautar toda discussão que envolvesse literatura, cultura e sociedade. O conceito achado foi o de “antropofagia”, cuja noção perpassa (com maior ou menor intensidade, mais ou menos clareza do processo) toda história cultural do país, demarcando os pressupostos e as consequências da colonização antiga e da moderna. Para provar isso, o cuidado antes observado com o trato de documentos públicos e privados de Mário e Oswald agora é dirigido a uma bibliografia crítica densa, que vai de Marshall McLuhan, Ortega y Gasset e Andreas Huyssen a Antonio Candido, Haroldo e Augusto de Campos, Luis Costa Lima, Silviano Santiago, Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros. Para tratar desses problemas, Anderson Pires acompanha uma discussão pesada, na qual encontramos pontos de vistas radicais e teorias críticas sofisticadas, que se entrebatem do início ao fim. Esse me parece um dos pontos mais difíceis do livro, que, no entanto, o autor enfrenta com certa desenvoltura, palmilhando umas e outras proposições, comparando-as sem se deixar seduzir pela tentação de oferecer uma resposta definitiva para o dilema, especialmente quando trata da validade teórica do conceito de “formação”. Em vez de bater o martelo em uma ou outra posição, o autor preferiu acompanhar a discussão, apontando os limites de cada lado, para, enfim, levar água ao moinho que lhe interessa: o lugar e o papel do modernismo nessa tradição formativa. Daí, vai-se de Antonio Candido a Haroldo de Campos, passando por Costa Lima e Silviano Santiago, sempre argumentando com base em uma certa orientação teórica, a qual procura fazer valer. Mas esse não é o único ponto difícil. Há outros, dentre

os quais um deles me chamou especialmente a atenção. Ao debater com uma determinada linha crítica de interpretação de inspiração marxista (Roberto Schwarz e Ismail Xavier, em particular), temos à vista um impasse que considero ser de método. Para o autor do estudo, ao enfrentar problemas de longa duração e estruturá-los de maneira penetrante, o modernismo conseguiu vislumbrar uma possível saída para a condição de subdesenvolvimento que espreme o país há séculos. Neste sentido, a “antropofagia”, ensinando a tirar proveito da inversão de valores dos pares opostos já mencionados outras vezes (moderno e arcaico, externo e interno etc.), consegue manipular as condições adversas de importação de bens duráveis e de influência dos bens culturais para produzir uma arte própria, além de esclarecida de sua condição histórica. Aqui, confesso que algumas colocações muito me agradaram e não pude deixar de concordar com muitas delas, mas me veio à mente o chamado “teste da realidade”. Se no campo da arte (que ressemantiza sob forma estética as condições sociais reais) a difícil equação de forças entre países hegemônicos que dirigem o processo mundial de produção e comercialização e países autônomos obrigados a importar produtos (uma vez que não os produzem) parece estar resolvido por algum lance criativo com os signos de sua dependência, no campo da realidade (sem o qual a densidade esclarecedora da “antropofagia” se desmancharia no ar) a efetiva divisão internacional de trabalho e riquezas desmente a solução encontrada e mostra que muitas vezes a formulação teórica que desembaraça a rede desigual de relações de troca e lhe adivinha uma solução não se efetiva na observação desimpedida da realidade prática e objetiva, tese que descredencia a auto-imagem dos vanguardismos brasileiros. A impressão que me ficou é a de que aqui vemos a tese vanguardista inteira, que foi assumida pelo autor do estudo, a qual me parece fazer com que a equação “literatura, cultura e sociedade” venha a perder tração, porque a força motriz que ativa esse processo aparentemente mudou de lugar.

Para terminar, eu diria que a força de *Mário e Oswald* reside em alguns momentos de ousadia para fazer relações e propor ideias para pensá-las. A articulação criativa entre, de um lado, literatura, cultura e sociedade (ou seja, formas) e, de outro, crítica cultural e sociologia (quer dizer, reflexão) está na ordem do dia e o resultado garante o mérito do trabalho. Tenho certeza de que tudo isso poderá servir para dar nova cara às discussões sobre um dos movimentos culturais mais importantes do Brasil e, de quebra, também ao modo de abordá-lo.